

CÚPULA DE TURNBERRY: UM MARCO DA SUBMISSÃO EUROPEIA E A ASCENSÃO DA HEGEMONIA AMERICANA

Por Albert Caballé Marimón*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O encontro Trump-Von der Leyen em 2025 marcou a submissão europeia à hegemonia americana, expondo a complacência da UE e sua perda de autonomia estratégica.

O encontro entre Donald Trump e Ursula von der Leyen, ocorrido em 28 de julho de 2025 no Trump Turnberry Golf Resort, Escócia, transcendeu a formalidade de uma cúpula diplomática para se tornar, na análise de Giuseppe Gagliano e Olivier d'Auzon, um símbolo contundente da crescente assimetria nas relações transatlânticas e da diminuição da soberania europeia. Longe de ser uma mera barganha comercial, o que se desenrolou em Turnberry foi interpretado como um ato de imposição unilateral americana, resultando na consolidação da vassalagem europeia, consentida e até mesmo feliz, segundo d'Auzon.

A essência do “acordo” alcançado em Turnberry revela-se profundamente desequilibrada. Sob a ameaça de tarifas americanas punitivas de 30% sobre suas exportações, a União Europeia cedeu significativamente. O compromisso final estabeleceu uma tarifa média de 15% sobre produtos europeus-chave — como automóveis, agronegócios e têxteis — enquanto os mercados europeus foram totalmente abertos aos produtos americanos, com zero tarifas. Além das concessões comerciais, a Europa se comprometeu com investimentos colossais de 600 bilhões de dólares em solo americano e a compra de 750 bilhões de dólares em Gás Natural Liquefeito (GNL) dos EUA ao longo de três anos, além de aquisições maciças de armamento “Made in USA”. Tais termos, na visão dos analistas, não representam um acordo negociado entre iguais, mas sim os termos impostos por uma

potência vitoriosa a uma nação subjugada. Trump, de fato, declarou-o como o “*maior acordo já assinado*”, um verdadeiro triunfo para sua agenda “America First”.

A resposta europeia a essa imposição é o ponto central das críticas de Olivier d’Auzon. Enquanto Donald Trump “*faz seu papel*” ao defender os interesses de seu país, a complacência com que os líderes europeus, notadamente Ursula von der Leyen, cederam “*sem condições*” é considerada “*acessível*”. A descrição de von der Leyen como “*a encarnação da servidão feliz*”, com seu “*rosto radiante*” durante a assinatura, choca-se com a dura realidade da “*renúncia fundamental*” da autonomia europeia. A narrativa de d’Auzon sugere uma União Europeia desprovida de “*coluna vertebral*” e de “*vontade política*”, presa a uma ideologia livre-cambista e cega às mudanças geopolíticas que exigem uma estratégia autônoma. O que se esperava ser uma potência em gestação, transformou-se em um “*protetorado americano de luxo*”, solvente, disciplinado, mas desarmado.

A repercussão da Cúpula de Turnberry vai além das questões econômicas. Trump aproveitou o palco escocês para proferir declarações controversas sobre imigração e transição energética. Seus ataques à imigração como uma “*horrível invasão*” e a desqualificação das energias renováveis como “*ineficazes*” e uma “*mentira ecológica*” não apenas provocaram indignação, mas também ressoaram em setores da sociedade europeia já fragilizados por crises internas e custos elevados da transição verde. Essa retórica serve para aprofundar divisões e desestabilizar ainda mais o continente, reforçando a percepção de uma América que impõe não apenas seus termos econômicos, mas também sua visão ideológica.

A assimetria revelada em Turnberry, portanto, sinaliza o abandono do multilateralismo cooperativo em favor de uma visão transacional das alianças. Gagliano observa que a Europa está “*negociando de costas para a parede*”, uma posição que limita drasticamente sua capacidade de reação e de defesa de seus próprios interesses. A ausência de um mecanismo de compensação para os setores europeus impactados pelas novas tarifas sublinha a fragilidade interna da UE, cujas divisões impedem uma resposta coesa e forte.

Em conclusão, a Cúpula de Turnberry em julho de 2025 não foi um mero capítulo nas relações comerciais transatlânticas; foi um marco que solidificou uma nova dinâmica de poder. Representou um triunfo inegável para a estratégia de Donald Trump e, concomitantemente, uma dolorosa constatação da submissão europeia. Os artigos de Gagliano e d’Auzon convergem ao apontar a imperatividade de a Europa despertar de sua “*servidão feliz*” e forjar uma verdadeira política autônoma, sob pena de continuar a ser um vassalo em um cenário global cada vez mais dominado pela hegemonia americana. O desafio para a União Europeia reside em transformar essa “*lamentável derrota*” em um catalisador para um renascimento estratégico e a reafirmação de sua soberania no cenário mundial.

Este texto é uma análise dos seguintes artigos, ambos publicados pelo Le Diplomate.Média em 28 de julho de 2025: [DÉCRYPTAGE – Trump-Von der Leyen à Turnberry : Entre marchandages et provocation](#) (“DECODIFICANDO – Trump-Von der Leyen em Turnberry: Entre a barganha e a provocação”), de Giuseppe Gagliano, e [ANALYSE – Trump-Von der Leyen en Écosse : Veni, vidi, vici !](#) (“ANÁLISE – Trump-Von der Leyen na Escócia: Vim, eu vi, eu venci!”), de Olivier D’Auzon.

***Albert Caballé Marimón** possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site Velho General. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Cerrado e proferiu palestras na AFA – Academia da Força Aérea. É colaborador do USNI (US Naval Institute) e do Canal Arte da Guerra.
